

VALTER DA ROSA BORGES

SÓ A BUSCA É DEFINITIVA

FASA - Recife - 1983

**Não garanto a *certeza*, mas apenas a sinceridade do que afirmo.
Creio no que digo *agora*, mas não comprometo o amanhã com a
minha mais firme convicção de hoje.**

**A melhor filosofia é aquela que responde, de maneira satisfatória,
ao maior número possível das questões fundamentais da existência
humana.**

**O conhecimento diz como você pode cuidar do mundo e utilizar
as coisas materiais.**

**A sabedoria diz como você pode cuidar de si mesmo e ajudar os
outros a cuidarem de si mesmos.**

**Temos o dever de respeitar tudo o que não é como nós.
E temos o direito de preferir tudo o que é como nós.**

Cada ser procura o que necessita.

**Cada ser é o seu próprio caminho, por mais que vivamos em
paralelo.**

**Riqueza e pobreza são circunstâncias.
Felicidade e infelicidade são atitudes.
A riqueza não causa a felicidade, nem a pobreza a infelicidade.
Tudo depende da atitude que tomamos perante essas
circunstâncias.**

**A pobreza do homem não está no pouco que possui, mas na
quantidade de coisas de que necessita.
Pobre é aquele que de muito necessita.**

**Não existe o fato puro. Todo fato está carregado de significado.
Um fato só existe para o universo hominal quando se reveste de
significado.**

Existe a Unidade sem partes, sendo as partes mera aparência?

Existe a Unidade, porém constituída de partes?

Existem múltiplas Unidades que o são eternamente, embora possam estabelecer ligações entre si, criando unidades maiores, mas provisórias?

Existem múltiplas Unidades que não o são eternamente e que entre si estabeleçam ligações, criando unidades maiores, porém transitórias?

O espaço é um *modo* da Substância, que é a matriz de tudo o que existe.

E não há um só espaço, mas um número ilimitado de espaços.

O tempo, por sua vez, é a mudança das coisas num determinado espaço. E, como há inúmeros espaços, há também tempos diferentes para cada espaço e em cada coisa.

O corpo é uma individualização do espaço. É uma densificação ou contração do espaço, destacando-se aparentemente deste e criando seu próprio espaço interior. Assim, o que chamamos de *campo* é a relação mais sutil entre um determinado corpo e o espaço. Substancialmente, não há real separação entre eles e, por isso, o que chamamos de vazio é aparência.

Não conhecemos o não-ser, mas o ser.

Eu não posso afirmar que existe o que não existe.

***Nada existe* se confunde com *existe o nada* e ambas são expressões contraditórias.**

Nada se sabe do *nada*, porque só se conhece o que existe. Se o nada existisse não seria o nada e, como não existe, não pode ser conhecido, pois é impossível conhecer o que não existe.

Para que algo seja negado é necessário que seja criado, ao menos idealmente.

Quem é humilde não busca, voluntariamente, a humilhação, mas se sujeita à humilhação que lhe é imposta.

Há, no entanto, os que se humilham para satisfazer à vaidade de parecerem humildes.

A utopia não é só a negação de um sistema vigente: pode ser também uma antecipação do futuro.

A utopia *força* o futuro, ampliando as opções existenciais.

Muitos fatos concretos são filhos de uma mãe abstrata - a imaginação.

A fé é a mãe do fato.

**Os fatos do universo humano - aqueles que pareciam impossíveis
- são filhos da fé dos homens geniais.**

**Há pessoas que necessitam de muito espaço psíquico e apenas de
modesto espaço físico.**

**E há pessoas que necessitam de muito espaço físico por causa da
pequenez de seu espaço mental.**

**A matéria é o instante perceptual do movimento: é a sua
revelação.**

Nós não conhecemos essências, mas estados, situações.

**O que chamamos de essência é um estado que se prolonga
indefinidamente: é a continuidade de uma situação.**

**Uma coisa é quantitativamente a soma de suas partes e
qualitativamente algo diverso de cada uma delas.**

O nosso demônio é o coletivo.

**A nossa *tentação* é o impulso que nos leva á integração no
coletivo, desintegrando-nos a individualidade.**

A *salvação* é a saída do coletivo.

**Só é capaz de se individualizar quem pode superar a própria
individualidade e perdê-la.**

Justiça é realização daquilo que deve ser feito.

**O que deve ser feito é o que convém a determinado povo numa
determinada época.**

**O que convém a um povo é aquilo que satisfaz as necessidades
básicas do maior número possível dos seus indivíduos.**

**Há doentes que fazem de sua enfermidade uma forma eficaz de
domínio sobre as pessoas, aprisionando-as nas cadeias da comiserção.**

Ninguém se sacrifica por fazer o que gosta.

Sofrer é fazer o que não se quer.

Para quem faz o que não quer, até uma flor é pesada.

Acreditamos em muitas coisas: a) por preguiça de raciocinar; b) porque elas nos agradam; c) porque nos dão uma sensação de segurança. Assim, é mais cômodo acreditar do que criticar.

A erudição, muitas vezes, é um bazar de coisas excêntricas e quinquilharias, misturadas com mercadorias de alto valor, mas a que seu dono não sabe atribuir o justo preço.

A erudição é a obesidade do espírito.

Casamento: duas pessoas que vivem juntas na ilusão de que ainda são as mesmas.

A vaidade é um prazer psicológico, provocado pela carícia do elogio.

Vaidade é erotismo intelectual, sensualidade do espírito, escravização do homem às seduções do aplauso.

O vaidoso é submisso ao bajulador, porque este o leva à excitação narcisística e ao orgasmo intelectual.

O vaidoso também diz: não importa o que sou por fora, mas o que sou por dentro. Ele quer mostrar o seu valor, mesmo que este seja invisível.

**Quando somos um, tudo é silêncio.
Falamos quando estamos separados.**

**Por que alguém nos deve fazer felizes?
Se não nos fizermos felizes, ninguém mais no mundo poderá fazê-lo.**

Saúde, prazer, honestidade, felicidade - tudo se resume na observância de uma única fórmula : ser o que se é.

Há pessoas que fazem de sua virtude uma arma para agredir os semelhantes.

Um homem assim, na verdade, tem virtude, mas não é virtuoso.

É sempre necessário o sacrifício do aprendizado para se alcançar a satisfação da competência.

Poucos resistem ao fascínio de obter sucesso e ao fascínio do sucesso, quando obtido.

**O problema não é *para onde* vamos e, sim, *como* vamos.
Nem sempre escolhemos o caminho, mas quase sempre o modo de caminhar.**

Eu não procuro o meu lugar no mundo: o meu lugar sou eu.

Quem procura um lugar ao sol, assume o risco de projetar uma sombra ao seu redor.

**O homem não sabe, potencialmente, tudo, mas, sim, tudo o que lhe é necessário em cada situação concreta do seu existir,
A intuição é a revelação do seu saber inato no atendimento de necessidades específicas.**

**Termos inimigos é inevitável.
Porém de nós depende não ser inimigos de ninguém.**

**Quem cresce interiormente não tem amigos nem inimigos.
Ocupa, cada vez mais, o seu próprio espaço e não invade o espaço de ninguém.**

A Economia do ser é singular: podemos dar tudo o que somos sem nada perder do que somos.

Extraordinário é o homem que conseguiu ser natural.

**Não há um caminho para você: você é o caminho.
E só você acontece no caminho.
Cada transeunte é você mesmo. É você na ilusão de ser muitos.**

**Não ocupe ninguém: ocupe-se.
Nada lá fora nos preenche, mas aumenta o nosso vazio interior.
Nós precisamos dos outros, mas não de ninguém em especial.
Ninguém nos pode dar tudo e nem podemos dar tudo a ninguém.
Somos circunstâncias e não metas.**

**Solitário é aquele que pensa só em si.
A sua dor é maior, porque é dele só.
A sua alegria é menor, porque não é acrescida pela alegria dos
outros.**

**A máquina - principalmente o computador - é o bezerro de ouro
do mundo moderno.**

**Apesar dos séculos transcorridos, nós não perdemos a nossa
vocação para a idolatria.**

**É leviano afirmar que o homem é capaz de saber tudo ou que é
incapaz de saber, com certeza, alguma coisa.**

**Nem sempre é fácil saber se transmitimos os nossos
conhecimentos pelo prazer de ensinar aos outros ou pela vaidade de
exibir a nossa erudição ou, finalmente, pelas duas coisas.**

**Amamos o saber ou, na verdade, amamos o poder que o saber nos
dá?**

O valor de tudo é dado pela ocasião.

**Algo só é igual a si mesmo no aqui e no agora.
Nada é igual a outra coisa e nem a mesma coisa é igual a si mesma
duas vezes.
A repetição é aparência.**

**Faça tudo o que quer fazer *hoje*. O que garante que você viverá
amanhã?**

Fazemos coisas pequenas, porque temos medo de tentar fazer as coisas grandes. E, muitas vezes, elas não são grandes para nós. Nós é que, deliberadamente, diminuimos para elas.

Todos sentem necessidade de expansão.

O que, muitas vezes, se chama de “fuga” é essa necessidade que temos de rasgar novos espaços e de superar os limites da rotina e do habitual.

Muitos procuram essa expansão para fora, viajando, incorporando novas paisagens, conquistando novas experiências.

Poucos preferem crescer para dentro, alargando, cada vez mais, o conhecimento do seu espaço interior.

E há os que fazem as duas coisas.

O que é fazer História senão cultuar os mortos?

A História é uma forma erudita de necromancia. Evocamos os mortos - pessoas e fatos - e com eles convivemos, presentificando-os com a forma ectoplásmica de nossas emoções.

Os vivos, por si sós, não nos bastam. Vivemos, também, para os mortos e os consideramos, quase sempre, os nossos melhores amigos. Até mesmo os nossos guias. Porque há mortos que estão mais vivos do que aqueles que ainda não morreram.

A História ensina que, raramente, os homens lutam por verdadeiras causas, mas, sim, por simulados pretextos, rotulados de causas.

O egoísmo não se destrói - é o instinto de conservação do ser.

O altruísmo não é a negação do egoísmo, mas a sua expansão. Prorrogamos o nosso instinto de conservação para os seres que amamos e até mesmo para a própria humanidade.

O egoísmo é o viver mínimo para si.

O altruísmo é o viver máximo com os outros.

Chamamos de *matéria* a tudo o que, direta ou indiretamente, afeta os nossos sentidos.

Chamamos de *realidade* o nosso modo particular de relação com o universo.

Só existe a desordem porque temos uma noção própria da ordem. Esta é que nos dá a idéia daquela.

Se não tivéssemos a idéia prévia da ordem, para nós não haveria desordem.

Ordem e desordem são irmãs gêmeas e filhas da mente humana.

A evolução não tem limite.

O que achamos de perfeição é o limite de um ciclo, a plena realização de um aprendizado.

Mas, o irresistível impulso de crescer, que existe no homem, o impele a renunciar àquela perfeição atingida e a atirar-se à aventura de um ciclo mais elevado, de um aprendizado maior.

A monotonia não é o mesmo caminho: é a atitude de caminhar.

Nada existe especialmente para você.

Apenas aconteceu, quando você passava.

Valorizamos mais a ausência porque nela modelamos os nossos ausentes segundo os caprichos da nossa imaginação e das nossas necessidades mais profundas.

Só pensamos em alguém quando ele se encontra ausente. Em sua presença, não pensamos mais nele.

A ausência reforça o que a presença enfraquece.

Quando penso muito em mim, fico menor. E todas as coisas também parecem menores.

O eu é um redutor da realidade.

Quem não tem eu, é infinito.

A essência do ser é cada instante pontuado do seu existir - o núcleo dinâmico do agora.

O eu não é apenas circunstância, mas relação. O fenômeno humano não se esgota na existência, mas se prolonga na interexistência. Ou seja: não apenas existimos, mas principalmente interexistimos. Na verdade, cada outro é uma prorrogação do nosso eu.

O eu é instante e ponto de um processo. É a ilusão da imobilidade na perpetuidade da mudança.

**Tudo é fluxo.
O eu é a perturbação do fluxo.**

**Eu sou o vazio onde as coisas acontecem.
Eu sou o que acontece.**

Conhecer-se a si mesmo é encontrar algo estático em si mesmo, algo definitivo e permanente a que se possa dizer: isto sou eu.

Conhecer-se a si mesmo é ser plenamente o que se é agora. Estar todo no seu agir.

O ser é a sua ação. Se eu não estou todo no meu agir, estou me negando, estou me ocultando e, sem me revelar a mim mesmo, não posso me conhecer.

Pensar sobre si é pensar naquilo que já não se é. Se ajo espontaneamente, a minha ação me revela: conheço-me no meu agir. Mas, se ajo seguindo um determinado modelo, esse agir condicionado oculta e violenta o meu ser.

Ação é visibilização total do ser. Até o repouso é ação, quando se quer repousar.

Só somos contraditórios quando agimos agora de maneira diversa do que pensamos ou sentimos.

Nunca somos contraditórios quando agimos agora de maneira diversa do que agimos ontem.

A incoerência não é a diversidade entre o ontem e o hoje, mas o divórcio entre o ser e o agir em cada situação concreta.

Eu não posso querer ser o que não sou, porque, quando quero mudar o que sou, já não sou o que quero mudar.

Nem sempre é possível libertarmo-nos dos fatos, mas, sim, das idéias que temos sobre eles.

Os fatos não existem por si, mas pelo que significam para nós. Eles confirmam nossos significados, os quais, no entanto, existem mesmo na ausência dos fatos.

Os fatos só nos afetam por fora se, antes, já nos afetaram por dentro. Eles, portanto, só existem para nós quando solidificados de significações.

A nossa realidade, assim, é um condomínio de significados.

**O mundo não é só como o percebo, mas como penso.
Na verdade, não vejo o mundo, mas vejo-me no mundo.
O meu interior também está lá fora.**

No momento em que queremos tornar a nossa vida importante, renunciamos à Vida, tornando-nos escravos do que julgamos importante.

A Vida é importante por si mesma.

Toda outra importância que lhe atribuímos constitui uma forma grosseira ou sutil de escravidão.

A nossa experiência externa nos enriquece por dentro.

Nós nos alimentamos do mundo.

Os nossos deslocamentos espaciais são oportunidades de sementeira íntima.

O exterior enriquece o interior e este se projeta sobre aquele, revestido e revestindo-o de novos significados.

O mundo externo é o mundo dos fatos, e o mundo interno, o dos significados. Só os fatos traduzidos ou interpretados se tornam realidades para o homem.

A Vida se vê a si mesma nas suas infinitas individualidades, que são as infinitas perspectivas de si mesma.

Conhecimento é imobilização da realidade.

Conhece-se o que já foi, não o que é.

Onde há mobilidade, não há conhecimento.

No momento em que sei, apenas retenho o fantasma, a imagem do que foi.

O que é não se diz.

Queremos conhecer cada coisa por analogia.

A realidade, porém, é tautológica.

Tudo o que existe se explica por si mesmo. Se é que existe explicação.

O real é sempre novo.

O passado é que envelhece o nosso olhar.

O real é sempre hoje: nós é que somos ontem.

Cada coisa é vista diferentemente por pessoas diferentes num mesmo momento.

Cada coisa é sempre diferente, a cada momento, para cada observador.

Por outro lado, a coisa observada é sempre diferente, em relação a si mesma, a cada momento.

Qual é a sua face real?

A realidade é sempre nova. A repetição é aparência: decorre das nossas limitações perceptuais e dos nossos hábitos.

Há coisas que não podem ser explicadas, mas vividas sem explicação.

A explicação apenas nos dá a ilusão de desfazer o mistério e nos priva do encanto de saborear o mistério.

Se não podemos ter certeza do que é verdadeiro, como poderemos saber, com certeza, o que é falso?

Uma coisa inexplicável se torna cada vez mais confusa quanto mais tentamos explicá-la.

Aceitar que uma coisa é inexplicável é ver claramente a sua inexplicabilidade.

Só o momento é real.

Tudo o mais são lembranças, projetos, probabilidades.

Realidade é tudo o que é.

Verdade é harmonia entre aquilo que se diz e aquilo do que se diz.

Ninguém é abrigado a ser livre.

É mister que o homem seja livre até para não aceitar certas formas de liberdade.

Há quem se sinta na obrigação de ser sábio, de reformar o mundo, de conduzir pessoas.

Quem assim se sente obrigado é escravo de sua vaidade e de sua ambição.

Quem se sente obrigado a ser sábio transforma a sua sabedoria em escravidão.

Quem se sente obrigado a liderar os outros, é escravo de sua liderança.

Afinal, quem é livre dos outros?

A vida não é posse, mas uso.

Tudo o que se guarda, gera o apego. E o apego gera o sofrimento, que é a vingança da Vida contra quem interrompeu o seu fluir.

Se em nada nos seguramos, nada nos segura.

Todo o visgo está em nós.

A liberdade real é o desapego à segurança.

A mão que segura deixou de ser livre.

Não se obrigar a se obrigar.

Não se obrigar a não se obrigar.

Quem quer dominar, fica dependente das pessoas que pretende dominar.

Quem quer ser mestre, vive á cata de discípulos e destes se torna dependente para continuar como mestre.

Livre é aquele que aprende dos outros o que não sabe e ensina aos outros o que sabe, sem qualquer sentimento de dependência.

Há duas formas de escravidão: a escravidão às coisas e a escravidão às idéias.

Livre pensador é aquele que está livre até de suas próprias idéias.

O apego é a maior escravidão.

Aquele que se apega, renunciou ao direito de liberdade.

Liberdade não é fazer tudo o que se quer, mas tudo o que se pode e o que se deve.

A liberdade não está na vontade em si, mas no exercício da vontade segundo as conveniências e as circunstâncias.

Pregamos o desapego aos bens materiais, mas permanecemos apegados aos livros e às idéias.

Apenas trocamos um apego pelo outro.

Ou melhor: trocamos um apego que classificamos de *inferior* por outro que chamamos de *superior*, porque essa forma de apego gratifica a nossa vaidade.

Renunciar não é privar-se das coisas, mas desapegar-se delas.

A questão não é como Deus organizou o mundo, mas como nós o organizamos.

O mundo do homem não é dos fatos, mas dos significados.

Os fatos, como tais, nada são para os homens.

Os fatos são ocasiões para os significados.

Podemos viver sem fatos. Não podemos viver sem significados.

Os mitos substituem os fatos de que necessitamos.

O que chamamos de mundo objetivo nada mais é do que um acordo de subjetividades.

Acalentamos a presunção de que todos vemos as coisas da mesma maneira.

Existe, entre nós, um acordo tácito, mediante o qual nos comprometemos a concordar em que temos a mesma percepção dos acontecimentos.

Procuramos compatibilizar as nossas experiências firmando um acordo sobre aquilo que vemos. E a realidade, para nós, é o cumprimento desse acordo.

Falamos de real.

Mas o que é o real, senão o ideal que obteve o consenso dos homens?

A nossa realidade é um acordo onírico.

Todo relacionamento social é periférico. Cada um dialoga à superfície de si mesmo.

Medimos distâncias e posições e toda nossa relação se transforma em árida geometria.

Qual a distância ideal entre nós?

Ver bem as pessoas é uma questão de perspectiva, segundo a óptica peculiar de cada observador.

Há pessoas que tratam os amigos como se fossem seus piores inimigos, tomando-lhes o tempo, o dinheiro, as alegrias e fazendo-os depositários de seus problemas, amarguras, frustrações e ressentimentos.

Fé é certeza subjetiva. É confiança na existência daquilo que não se vê.

Fé é a confiança que dispensa provas.

Ter fé é apostar no impossível.

A fé é a certeza sem prova e até mesmo contra todas as provas.

A fé provada se transmuda em fato.

O fato é a antítese da fé. Mas pode ser sua metamorfose.

A fé é a maior aventura existencial.

Para os fracos, ela constitui abrigo, segurança.

Para os fortes, a fé é uma aposta, uma aventura arrojada, um mergulho no Desconhecido.

A fé do fraco é acomodação às circunstâncias, sujeição ao que se julga imutável.

A fé do forte é a certeza da superação de todas as circunstâncias, de algo maior do que as limitações do presente, a antecipação de um futuro aparentemente improvável.

Tem razão Kierkegaard: “Sem risco não há fé e quanto maior o risco tanto maior a fé”.

A fé não é a afirmação do absurdo, mas a conscientização de que o absurdo é não ter fé.

Crer é a necessidade que o homem tem de conhecer mais do que concretamente conhece.

Crer é apostar no futuro.

É uma tentativa de controlar o futuro.

A vida tem de ser vivida com imaginação. O corpo é simplesmente nosso estar. E também nosso endereço nesse mundo.

O mito é o filho predileto do espírito humano.

A fé, de certo modo, é um mito da mais alta eficácia existencial.

A sociedade é uma ilusão coletiva, mas necessária, porque logrou o consenso da maioria.

A lógica é tautológica, pois procura provar o que, implicitamente, já provou.

A lógica é o metro do próprio homem.

Por isso, não pode medir o que ultrapassa a condição humana.

A lógica pode representar um instrumento de controle da realidade, satisfazendo, ao mesmo tempo, a nossa necessidade intelectual de segurança.

Por isso, o inédito nos perturba: abala a nossa confiança na onipotência da lógica e no domínio que pretendemos impor à própria vida.

A ciência é um tipo especial de fé.

Nós acreditamos na ciência, apesar de todos os seus erros e mudanças.

Saber é um *faz de conta*, um *como se*. É um jogo que, inadvertidamente, levamos a sério.

Inventamos o jogo do saber, criamos suas regras e queremos que a vida se sujeite ao nosso jogo.

A ciência também pode ser um ópio, quando acreditamos que ela possa solucionar, mais cedo ou mais tarde, todos os problemas da humanidade.

A ciência parte da dúvida, se constrói na dúvida e duvidosamente permanece nas suas conquistas mais sólidas.

A essência da ciência é a dúvida permanente do conhecimento e a certeza provisória dos seus postulados.

A ciência é inconclusa.

A religião parte da certeza. E permanece na certeza no meio de todas as incertezas.

A fé afirma no meio de todas as negações. Não vive da comprovação de fatos, mas do exercício de valores. Jamais duvida. Age sempre.

A ciência dogmatiza pela dúvida, porque acredita na instabilidade dos fatos.

A religião dogmatiza pela fé, porque acredita na perpetuidade dos valores.

Quem ama não perdoa, porque jamais se sente ofendido por aquele a quem ama.

Aliás, o perdão pode ser uma forma sofisticada de vingança: o que perdoa quer mostrar a sua superioridade a quem perdoou. A ostentação da bondade, sob a forma do perdão, é uma das mais insidiosas maneiras de se esmagar uma pessoa, sem lhe permitir a menor defesa.

O amor é uma ilusão a dois.

O homem gosta de fascinar e de viver fascinado. O sentido da vida é essa fascinação.

O sentido da vida não está nas coisas, mas no modo como as vemos.

O real não é apenas o conjunto das coisas, mas as infinitas relações que mantemos com elas.

O amor é como a religião: precisa de rituais e de mistérios.

Amemos o que temos, enquanto o temos.

Aprendamos a esquecer o que perdemos, pois quem se apega ao que perdeu, ama, na verdade, o irreal.

Amamos nos outros mais aquilo que pensamos que eles são do que aquilo que realmente eles são.

Memória é tempo aprisionado.

E o tempo só existe se a carne o marcou.

A memória nos impede a pura apreensão do presente, porque não sabemos quanto do passado interfere em nossa percepção dos fatos.

**É a nossa memória que nos dá a impressão de continuidade.
Se não tivéssemos memória, tudo, para nós, seria sempre novo,
sempre inédito.**

**O tempo vale pelo que se faz nele.
A vida vale pelo que se faz no tempo.**

**Nem sempre o que pensaremos amanhã é necessariamente
melhor do que o que pensamos hoje.**

Quem tem medo do futuro, teme o que não existe.

**O tempo nada transforma: o tempo é transformação.
O tempo nada muda: o tempo é a própria mudança.
Só sentimos o tempo quando relacionamos nossas mudanças com
as mudanças de outros seres e de outras coisas. Assim, o tempo comum
é o resultado da relação entre unidades de mudança - seres e coisas.
Devagar e depressa só existem na comparação entre dois sistemas
e suas mudanças, dado um referencial de mudança.**

**Não importa quanto tempo já vivemos, mas, sim, se vivemos.
Viver não é acumular tempo, pois quando estamos vivendo,
tempo não há.
No agora não há ninguém.**

**Só há certeza no presente.
O passado foi possivelmente como o recordamos.
O futuro será possivelmente como o conjeturamos.**

**Só há tempo quando temos o que fazer.
É o ter que fazer que faz o tempo. É a ação comprometida que nos
prende ao tempo.
O fazer desobrigado é o seu próprio tempo.
O fazer por compulsão não faz o tempo, mas se faz no tempo. O
tempo é, então, maior que o fazer.
O nosso fazer se distribuí no tempo, parte-se em tempo,
separando-se por vazios, distrações e tédios.**

Mas o fazer que faz seu tempo é um todo compacto. Começa e termina integralmente. E, depois, vem aquele estado sem tempo, que não é interstício de um fazer pulverizado. Aquele estado sem tempo é um fazer em si e não um ser sem fazer. Mas um fazer em si não gera tempo. O tempo sem fazer não é, assim, um fazer sem tempo.

Só gastamos o tempo quando o tempo nos é imposto. Gastamos o tempo que não é nosso. Queremos encher o tempo que é maior do que nós e do que nosso fazer.

O tempo que é nosso é do tamanho do que fazemos. Por isso, nós não o gastamos: gastamos aquilo que somos - o nosso tempo real.

Não nos consumimos no tempo, mas consumimo-nos como tempo.

Quem vive o presente não tem esperança. Esperança é a espera de um lugar para quem perdeu o seu lugar no presente. É a substantivação do verbo esperar: a expectativa de uma ação.

Quem é feliz não tem esperança. Quem é feliz ocupou o presente. O presente é o reino dos céus: não tem tempo, nem espaço. O reino dos céus nunca virá, nem veio - ele é.

A felicidade é a conquista do presente. O presente plenamente ocupado é a felicidade: não há esperança, não há medo, não há expectativa, não há sofrimento, porque não há tempo. O reino dos céus é a negação do tempo.

Quem perdeu a esperança se desespera, porque perdeu o que julgava, um dia, factizar-se.

Quem não tem esperança jamais se desespera, porque não pode perder o que nunca teve.

Cada idade tem a sua sabedoria.

Sabedoria é compatibilizar o viver com as necessidades reais do organismo.

Não há uma idade mais sábia do que a outra.

A velhice não dá sabedoria, nem é a idade da sabedoria. Se assim o fosse, o ideal da humanidade seria a senectude.

Se eu não sou obrigado a defender-me, como posso ser obrigado a defender meu país?

Que autoridade tem a pátria de mandar que seus cidadãos se tornem assassinos?

A pátria de todas as pessoas é a humanidade.

A paz não é o sossego, a imobilidade.

A paz é a compreensão da luta.

A luta é a refrega dos opostos, a dialética dos dinamismos. Por isto, a luta é eterna. Ela apenas muda de nível. E o mais forte sempre vencerá.

O nacionalismo é uma paranóia coletiva com as suas alucinações de perseguição e grandeza.

Defende a paz pela ameaça constante da guerra.

Defende a vida pela capacidade bélica cada vez maior de destruí-la.

Antítese do ideal universalista cristão, o nacionalismo pode ser identificado como a própria Besta do Apocalipse.

A paz é a consciência de que, essencialmente, só somos necessários a nós mesmos.

Se fôssemos realmente cristãos, não haveria pátria, nem guerra.

O cristianismo é a antítese de nacionalismo.

O verdadeiro cristão não tem pátria: é um cosmopolita.

Porque não somos cristãos, vivemos no separatismo e na guerra.

Ainda não será neste século que haverá um só rebanho e um só Pastor

Há uma paz que envilece: é a paz imposta pela tirania. A paz da conformação,

Crer em Deus é afirmar, definitivamente, a nossa fundamental incapacidade de compreendê-Lo.

Creio que há infinitos caminhos para Deus.

Creio que cada ser é o seu próprio caminho, porque Deus está em cada criatura.

Creio que a religião é a consciência que cada um tem de estar em Deus.

Se eu não acreditar que Deus existe, passarei a viver angustiado toda minha vida. E viverei angustiadamente em vão, se Ele existir.

Se eu acreditar que Deus existe, viverei feliz toda minha vida, ainda que Ele não exista.

**Tudo espera de Deus.
Muito esperes de ti.
Pouco esperes dos outros.**

**Tenho mais fé em Deus quanto menos O entendo.
Porque creio em Deus, sou forçado a admitir que tudo está bem,
embora o mundo me pareça confuso e eu mesmo esteja confuso.
Um Deus capaz de errar não é digno de fé.**

**Eu creio num Deus que jamais conhecerei.
A minha fé consiste em jamais cometer a heresia de querer
compreendê-Lo.
Tudo o que posso fazer é cada vez mais presentificá-Lo em mim.
Nada sei do que Ele é, mas, a cada dia, sei mais que Ele é.
É o paradoxo da teologia: a fé não se prova a não ser por ela
mesma.
Não creio porque é absurdo, mas porque é absurdo provar o que
está infinitamente acima da minha compreensão.**

**A razão é impotente para provar a existência ou a não existência
de Deus.
Aquele a quem couber, numa aposta, fazer essa prova, perdeu a
aposta.**

**Não posso negar uma coisa só porque não a compreendo.
Nem tampouco posso negar uma Ordem no universo só porque
nem tudo acontece segundo o que eu acho que deve acontecer.**

**Eu não posso conhecer Deus. Deus é que se faz conhecido a mim,
na proporção de minhas necessidades.**

**Aposto que Deus existe.
Aposto na sobrevivência do homem.
Aposto que tudo evolui para melhor, embora não pareça.
Aposto que tudo está bem, apesar de tudo me parecer confuso,
malévolo, contraditório.
Assim, procuro viver feliz na aposta que é a minha fé.
Outros poderão apostar em contrário, nomeando sua crença de
cepticismo, realismo, racionalismo, positivismo, materialismo, etc.**

Qual de nós, sem sombra de dúvida, estará vivendo na ilusão? Só o futuro, talvez, dirá.

No entanto, se eu perder a aposta, ao menos vivi toda a minha vida numa ilusão feliz.

E, se ganhar, já fui feliz antecipadamente e continuarei sendo por toda a eternidade.

Se os meus opositores perderem a aposta, terão sofrido inutilmente por uma ilusão infeliz.

E, se ganharem, terão perdido para sempre a única oportunidade de viver com felicidade numa realidade infeliz.

Sofrer o mal como se fosse efêmero.

Gozar o bem como se fosse eterno.

Se eu acreditar no mal, viverei mal e não gozarei plenamente as boas coisas da vida julgando que elas são falsas.

Se eu acreditar no bem, viverei bem, pois apesar das coisas más da vida, eu as suportarei como se fossem falsas.

O mal é também o bem que se tornou rotina.

Nunca viver além da conta.

Morrer na medida exata.

Enquanto a vida de um homem é necessária, ele tem o dever de evitar, por todos os meios, a sua morte.

Quando, porém, a morte se faz necessária, ele nada deve fazer para lutar pela vida.

O que chamamos de ato de coragem pode ser, algumas vezes, uma disfarçada tentativa de suicídio. O suicida, assim, procura valer pela morte aparentemente heróica o que nunca conseguiu valer durante a vida.

A morte nada significa: ela é a extinção de todos os significados.

Qual a prova irrefutável da sobrevivência?

Toda prova admite contraprova.

Nenhuma descoberta científica está isenta de crítica,

Nenhuma hipótese, tese ou teoria está acima de refutação.

Como, pois, fazer a prova absoluta da sobrevivência, se o próprio conhecimento científico não é absolutamente seguro, mas apenas altamente provável?

Se nada sabemos com absoluta segurança, nada podemos negar com absoluta segurança.

Eu sobrevivo na transformação e não na continuação do que sou.

Não há busca para algo definitivo.

Só a busca é definitiva.